

---

## Representações da mulher negra e narrativas do consumo alimentar produzidas pelo Globo Repórter.<sup>1</sup>

Antônio Carlos de SOUZA<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste artigo, problematizamos as representações simbólicas e narrativas do consumo alimentar protagonizadas pelas mulheres negras. Analisamos o episódio do Globo Repórter veiculado em 12/04/2024, utilizando pesquisas documentais, bibliográficas e Análise de Conteúdo. Como referencial teórico-metodológico, mobilizamos as autoras hooks (2019), Kilomba (2019) e Gonzales (1984), Penafria (2001) e Bardi (2009). Os resultados apontam para a perpetuação da racialização e da “Outricidade”, além de indicar caminhos para avançar na luta contra o preconceito, discriminação e racismo estrutural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo negro; Afrodiaspórica; Comunicação; Consumo; Alimentação.

A autorrepresentação, enquanto conceito e atitude, é uma forma de desconstruir preconceitos, de empoderar vozes vulnerabilizadas e de entender o mundo sob uma perspectiva mais livre, onde nossa participação, onde quer que seja, é feita a partir de um olhar com propriedade sobre as coisas nas quais nós intervimos, sobre as temáticas, sobre a nossa agenda política comunitária e que também afeta esta comunidade global da qual fazemos parte. (BUNGUÉ, 2020).

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, problematizamos as representações simbólicas e narrativas do consumo alimentar protagonizadas pelas mulheres negras. A partir de textos e imagens, analisamos as produções de sentido em um episódio do Globo Repórter, produto midiático da Rede Globo de televisão. O audiovisual jornalístico apresenta um debate sobre as dificuldades de produção de alimentos, problemas de distribuição e acesso aos alimentos *in-natura*, bem como a importância de manter a sustentabilidade do planeta. Considerando o número populacional atual de 8 bilhões de habitantes, dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU) apontam que bilhões de pessoas enfrentam dificuldades, com centenas de milhões sofrendo insegurança alimentar, que em sua forma mais grave representa a fome.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando e Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM-SP). Integrante do Grupo de Pesquisa BIOCON - "Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo" - Bolsista Prosup/Capes - e-mail: antonio.carlos@acad.espm.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6437-8227>.

Segundo dados do relatório da “REDE PENSSAN”<sup>3</sup>, é grave a situação de insegurança alimentar e fome no Brasil, com marcadores sociais como raça/cor da pele, gênero e classe desempenhando um papel significativo. Conforme os dados da pesquisa:

**1. Insegurança alimentar grave entre lares chefiados por pessoas negras:**

Cerca de 20,6% dos lares brasileiros chefiados por pessoas negras enfrentam insegurança alimentar grave, o que significa que essas famílias não têm acesso suficiente a alimentos básicos e passam fome.

**2. Mulheres negras e insegurança alimentar:**

Aproximadamente 33% dos lares chefiados por mulheres negras enfrentam as formas mais severas de insegurança alimentar. Isso destaca a interseção entre gênero e raça, resultando em um efeito multiplicador de discriminação e exclusão social.

**3. Homens negros e insegurança alimentar:**

Cerca de 21,3% dos lares chefiados por homens negros também enfrentam insegurança alimentar grave.

Esses dados são alarmantes e evidenciam a necessidade urgente de políticas e ações para combater a fome e promover a segurança alimentar no Brasil. É fundamental abordar essas disparidades e garantir que todos tenham acesso adequado a alimentos nutritivos e suficientes para viver com dignidade. A seguir apresentamos o quadro comparativo entre lares chefiados por pessoas brancas e negras.

<b>Categorias</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Pretos	33%	21,3%
Branco	17,8%	7,8%

Quadro elaborado pelo autor. **Fonte:** “REDE PENSSAN” sobre insegurança alimentar

Para Almeida (2018) o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. Almeida (2020) conclui que “embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial e assevera que

<sup>3</sup> Fonte: <https://olheparaafome.com.br/> Acesso 25 jun. 2024.

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. (ALMEIDA, 2018, p. 26)

A partir das definições conceituais de Almeida (2018), evidenciamos através de estatísticas que as mulheres negras são o principal grupo da sociedade brasileira que sofrem os efeitos nocivos do preconceito e da discriminação racial. Para sustentarmos nossas afirmações apresentamos algumas tabelas atualizadas pela pesquisa da REDE PESSAN (2023) intitulada “Suplemento II - Insegurança Alimentar e desigualdades de raça/cor da pele e gênero”. Nessas tabelas a seguir, apresentamos dados que interseccionam os marcadores raça/cor da pele, gênero, educação e trabalho.

**Tabela 1: raça/cor da pele, gênero e classe**

**TABELA 1**

Percentual de domicílios segundo condição de Segurança Alimentar (SA) e níveis de Insegurança Alimentar (IA), por sexo e raça/cor autodeclarada da pessoa de referência, Brasil. II VIGISAN – SA/IA e Covid-19, Brasil, 2021/2022.

Sexo <sup>1</sup>	Raça/cor autodeclarada <sup>1,2</sup>	SA (%)	IA leve (%)	IA moderada (%)	IA grave (%)	n
Mulher	Branca	47,5	26,0	13,0	13,5	1.737
	Negra	30,1	28,2	19,7	22,0	4.236
Homem	Branco	58,3	25,8	8,1	7,8	1.815
	Negro	39,7	30,2	15,8	14,3	4.341

<sup>1</sup> Informação da pessoa de referência do domicílio. n = número de domicílios na categoria.

<sup>2</sup> As diferenças nas prevalências de SA/IA foram significativas entre as categorias de raça/cor autodeclaradas para mulheres (p-valor < 0,001) e homens (p-valor < 0,001).

**Fonte:** OLHERacaEGenero-Diag-v7-R05-26-06-2023.pdf (olheparaafome.com.br) – p. 36

“Quando analisamos as condições de IA (leve, moderada e grave), observamos que estas foram maiores em famílias chefiadas por mulheres negras, seguidas de domicílios chefiados por homens negros, mulheres brancas, homens brancos (Tabela 1)” (REDE PESSAN, 2023, p. 36).

**Tabela 2: raça/cor da pele, gênero e educação**

**TABELA 2**

Percentual de domicílios, segundo condição de Segurança Alimentar (SA) e níveis de Insegurança Alimentar (IA), de acordo com escolaridade, sexo e raça/cor autodeclarada da pessoa de referência, Brasil. II VIGISAN – SA/IA e Covid-19, Brasil, 2021/2022.

Sexo <sup>1</sup>	Raça/cor autodeclarada <sup>1</sup>	Sem escolaridade/ menos de 8 anos de estudos <sup>1</sup>					Mais de 8 anos de estudos <sup>1</sup>				
		SA (%)	IA leve (%)	IA moderada (%)	IA grave (%)	n	SA (%)	IA leve (%)	IA moderada (%)	IA grave (%)	n
Mulher	Branca	36,4	24,7	18,1	20,8	736	55,7	26,5	9,5	8,3	999
	Negra	23,8	25,5	22,3	28,4	2.042	36,2	30,8	17,1	15,9	2.193
Homem	Branco	48,8	26,3	13,1	11,8	804	64,6	25,6	4,7	5,1	1.010
	Negro	33,2	28,3	19,5	19,0	2.163	46,7	32,0	12,0	9,3	2.168

<sup>1</sup> Informação da pessoa de referência do domicílio. n = número de domicílios na categoria.

As diferenças nas prevalências de SA/IA foram significativas entre as categorias de raça/cor autodeclarada por escolaridade: sem escolaridade/ menos de 8 anos de estudos (Mulher: p-valor < 0,001; Homem: p-valor < 0,001); mais de 8 anos de estudos por raça (Mulher: p-valor < 0,001; Homem: p-valor < 0,001).

Fonte: OLHERacaEGenero-Diag-v7-R05-26-06-2023.pdf (olheparaafome.com.br) – p. 38

“No recorte de mais escolaridade (8 ou mais anos de estudo), a IA moderada + grave estava presente em mais de 1/3 dos lares chefiados por mulheres negras (33,0%)...” (REDE PESSAN, 2023, p. 37).

**Tabela 3: raça/cor da pele, gênero e trabalho**

**TABELA 3**

Percentual de domicílios, segundo condição de Segurança Alimentar (SA) e níveis de Insegurança Alimentar (IA) e situação de trabalho por sexo e raça/cor autodeclarada da pessoa de referência, Brasil. II VIGISAN – SA/IA e Covid-19, Brasil, 2021/2022.

Sexo <sup>1</sup>	Raça/cor autodeclarada <sup>1</sup>	Trabalhador/a informal ou desempregado/a <sup>1,2</sup>				Trabalhador/a formal <sup>1,2</sup>				Trabalhador/a autônomo/a <sup>1,2,3</sup>						
		SA (%)	IA leve (%)	IA moderada (%)	IA grave (%)	n	SA (%)	IA leve (%)	IA moderada (%)	IA grave (%)	n	SA (%)	IA leve (%)	IA moderada (%)	IA grave (%)	n
Mulher	Branca	37,1	26,4	14,8	21,7	369	55,9	25,7	8,2	10,2	367	57,7	27,9	8,5	5,9	233
	Negra	19,4	26,2	22,6	31,8	1.094	48,1	31,5	11,1	9,3	795	30,5	30,1	21,4	18,0	542
Homem	Branco	39,3	33,3	9,8	17,6	457	65,5	23,8	6,4	4,3	548	59,8	26,1	7,1	7,0	330
	Negro	24,9	28,3	21,9	24,9	1.388	50,0	33,0	10,3	6,7	1.221	47,2	30,3	12,8	9,7	722

<sup>1</sup> Informação da pessoa de referência do domicílio. n = número de domicílios na categoria.

<sup>2</sup> As diferenças nas prevalências de SA/IA foram significativas entre as categorias de raça/cor autodeclarada por situação de trabalho informal ou desempregado/a (Mulher: p-valor < 0,001; Homem: p-valor < 0,001), trabalho formal (Homem: p-valor < 0,001) e trabalho autônomo (Mulher: p-valor < 0,001; Homem: p-valor < 0,05). Não houve diferença significativa entre trabalho formal (Mulher: p-valor = 0,276).

<sup>3</sup> Autônomo: declaração de autônomo, empreendedor/a individual, profissional liberal, empresário/a.

Fonte: OLHERacaEGenero-Diag-v7-R05-26-06-2023.pdf (olheparaafome.com.br) – p. 39

No entanto, cabe destacar as diferenças nas prevalências observadas em lares chefiados por brancos ou negros. Famílias chefiadas por pessoas negras e em situação de trabalho informal ou desemprego, comparadas com aquelas chefiadas por pessoas brancas na mesma condição, apresentavam prevalência mais elevada de IA moderada e grave e inferior de AS. (REDE PESSAN, 2023, p. 38)

Para Collins, os estudos de interseccionalidade mudam “o foco da investigação, partindo de uma abordagem que tem como objetivo explicar os elementos de raça, gênero ou opressão de classe, que pretendem determinar quais são os elos entre esses sistemas” (COLLINS, 2016, p. 108).

---

Gonzalez (1984)e Collins (2016), Ambas as pesquisadoras, desenvolvem suas teorias a partir de definições de raça, gênero e classe, tensionando os pressupostos estabelecidos pela cisgeneridade branca heteropatriarcal.

A desigualdade social não se aplica igualmente a mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Em vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo. Nessa mesma perspectiva, Akotirene (2019) entende a interseccionalidade como um “sistema de opressão interligado” que envolve a vida de mulheres negras no cruzamento de avenidas identitárias, assim como, a feminista negra estadunidense, Patricia Hill Collins. Akotirene discute a decolonialidade como uma crítica ao colonialismo e suas consequências nas estruturas sociais contemporâneas, enfatizando a importância de reconhecer e dismantelar as hierarquias de poder que perpetuam a opressão raça/cor da pele, gênero e classe.

Diante desse cenário alarmante, torna-se imperativo investigar as raízes e as consequências dessas desigualdades, bem como as representações midiáticas que perpetuam ou desafiam essas narrativas. Para isso, apresentamos a seguir o aporte teórico-metodológico que fundamenta nossas análises, permitindo uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e culturais envolvidas.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA

O *corpus* analisado é o episódio “Alimentação e combate à fome” – parte 2, veiculado em 12/04/2024 no Globo Repórter e divulgado pelo Globoplay<sup>4</sup> com duração de 38’20’’. O programa abordou os desafios enfrentados em produzir comida para a população mundial de 8 bilhões de habitantes. Durante o documentário, foram apresentadas ideias apoiadas pela (FAO) — Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. Foram apresentados exemplos como: a agricultura irrigada com tecnologia israelense e a maior fazenda vertical urbana da América Latina, conhecida

---

<sup>4</sup> [Globo Repórter – Alimentação e combate à fome - parte 2 – 12/04/2024 | Globo Repórter | Globoplay](#). Acesso 07 out. 2024.

---

como *Pink Farms*, localizada na região da vila Leopoldina, na cidade de São Paulo. Além disso, o programa destacou o crescimento do agronegócio no país.

A peça jornalística aborda uma variedade de tópicos, incluindo tecnologia, desafios na cadeia alimentar e iniciativas de ONGs e coletivos sociais. Além disso, destaca os benefícios da agricultura orgânica. Analisamos em nosso *corpus* o recorte que apresenta o Projeto ‘Favela Orgânica’, liderado por Regina Tchelly, uma nordestina negra e ex-doméstica. E problematizamos a participação narrativa da jornalista negra Dulcineia Novaes, repórter de televisão na RPC, afiliada da Rede Globo no Paraná. A partir da pesquisa empírica de documentos, textos e imagens de mulheres negras, construímos nosso objeto de análise em relação à visualidade e as produções de sentido deste material em questão. Coletamos materiais referentes a alimentação, insegurança alimentar e a dificuldade de acesso aos alimentos em *in-natura*. Trabalhamos com dados extraídos da Pesquisa I Vigisan e II Vigisan – da REDE PESSAN intitulado “Suplemento - Insegurança alimentar e desigualdades de raça/ cor da pele e gênero”.

um documentário pode ser composto de várias vozes que se manifestam através das entrevistas, das fotografias e imagens de arquivo, das imagens contemporâneas, da voz, no entanto, ele sempre irá constituir uma voz própria, a partir da conjunção dessas vozes, que irão produzir um significado que traduz o ponto de vista, apresentando o argumento ou defendendo uma causa do cineasta. (MOMBELLI; TOMAIM, 2014, p. 7 *apud* PENAFRIA 2001)

Assim exploramos fundamentos da análise de conteúdo que segundo Bardin (2016) define a análise de conteúdo como a explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens, com o auxílio de índices quantificáveis ou não. Essa abordagem envolve técnicas complementares para compreender o significado das informações. Em Bardin (2009), o autor observa que com a diversificação qualitativa dos estudos empíricos, a Análise de Conteúdo é uma ferramenta essencial para compreender comunicações e interpretar dados. Adotamos o seguinte protocolo para nossas análises.

Assistimos ao documentário diversas vezes para compreender as ideias principais e identificar o material extraído do nosso *corpus*. Formulamos hipóteses de conteúdo, sugerindo explicações e argumentos. Selecionamos as unidades de análise relevantes, escolhendo discursos (frases, parágrafos, imagens e fotografias) que abordam temas de interesse para nosso debate. Assim, nos orientamos a partir de mensagens padronizadas e objetivas, buscando as produções de sentido dos textos e imagens. Consideramos o

---

contexto geral do documentário e observamos como os trechos selecionados se relacionam com a narrativa central.

Com a fundamentação teórica-metodológica e o protocolo de análise de conteúdo estabelecidos, avançaremos para a seção de “Análises e Resultados”.

Nesta etapa, apresentaremos as principais descobertas obtidas a partir da análise detalhada do documentário, destacando como as diferentes abordagens teóricas se manifestam nos dados coletados. Exploraremos as produções de sentido dos textos e imagens, e como estas se relacionam com a narrativa central do documentário, especialmente no contexto das desigualdades de raça, cor da pele e gênero.

## 2. ANÁLISES E RESULTADOS

Antecedendo nosso fragmento de análise, o documentário apresenta o projeto Favela Orgânica e sua idealizadora Regina Tchelly. É apresentado o conceito do projeto e feita uma breve incursão pela favela para mostrar as atividades que são desenvolvidas no entorno da comunidade. Para em seguida ser apresentada as mulheres integrantes do projeto e fazem um brinde simbólico com suco de hibisco, plantado e colhido pela comunidade. A partir da confraternização, começam as narrativas individualizadas de algumas moradoras da comunidade. As escolhidas são as Irmãs Geralda Corrêa (64 anos) e Selma Corrêa (61 anos), que nasceram e cresceram no chapéu Mangueira. E a merendeira, Maria Benedita Brito, mineira, que chegou no Rio de Janeiro na década de 60 – aos nove anos de idade. Nessa época, já trabalhava em casa de família, e inicia com um relato emocionado, chorando e diz que “ todos os dias, na hora da refeição, eu chorava! Há duas semanas depois, o patrão falou porque toda vez que você senta na mesa, você fica chorando, ao invés de comer? Porque meus irmãos, não têm uma comida para comer. E aquilo era ruim”.

Em seguida, com a mesma dramaticidade é apresentada a história das irmãs Corrêa. Geralda Corrêa fala: “Eu tinha o sonho de comer um pão, não tinha o dinheiro para comer o pão. Aí a menina, minha coleguinha apareceu e ... peguei, roubei! Necessidade foi o que levou a Selma a roubar um pão, complementa Ana Annenberg, em locução em *off*<sup>5</sup>. E sua irmã Geralda confirma a história e relata que o ocorrido foi devido não ter pão em

---

<sup>5</sup> A locução em *off*, também conhecida como narração em *off* ou voz *off*, é uma técnica de gravação onde apenas a voz do locutor é ouvida, sem trilhas sonoras ou efeitos de fundo. Fonte: [Você sabe o que é gravação off? – Digital Mídias – Soluções Digitais \(digitalmidias.com.br\)](https://www.digitalmidias.com.br). Acesso em: 07 out. 2024.

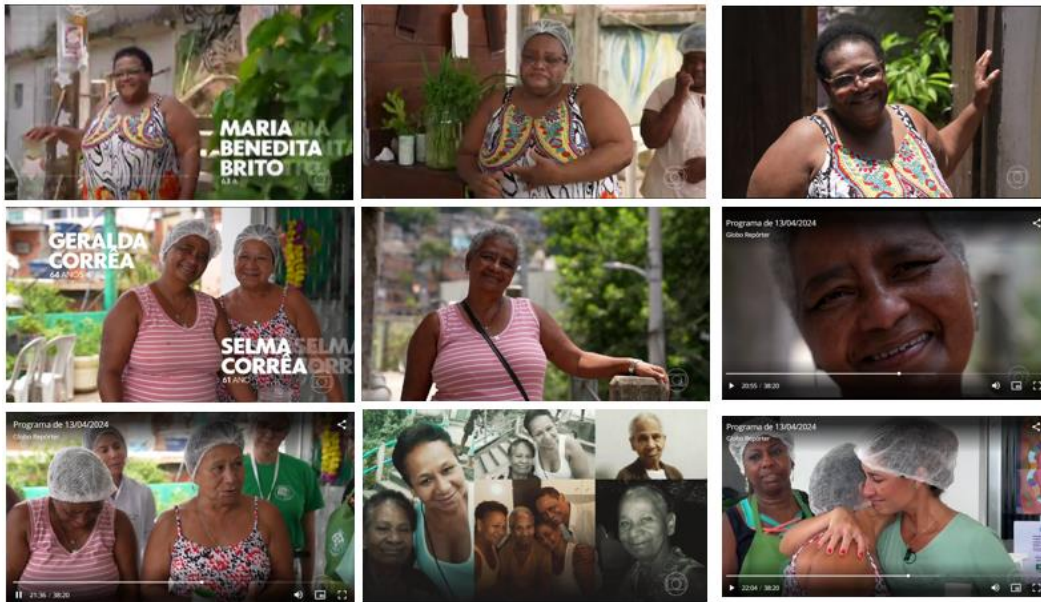
casa. A narrativa segue com as irmãs acolhendo uma a outra com a narração em *off* da Annenberg com a voz embargada, para acrescentar dramaticidade à narrativa. E dá sequência aos fatos fazendo um resgate da memória familiar de trabalho pesado é árduo da família, relatando que dona Carmem, mãe das irmãs descia o morro todos os dias para trabalhar, contrapondo o roubo ocorrido em contraponto o fato de ser um família de pessoas honestas em que a mãe era uma mulher trabalhadora. Esse relato são descritos acompanhados de um conjunto de fotos, que resgatam a memória e mostram um álbum de família. Annenberg conclui a história dizendo que a partir desse dia dona Carmem, passou a guardar e trazer o pão que ganhava da patroa. E Geralda complementa a história dizendo que a fome mexe muito com ela e diz que não admite que ninguém jogue fora comida. Ela descreve que na verdade não era pão que elas comiam, mas sim as cascas que sobravam do pão de forma, dos sanduíches que eram feitos para os patrões de dona Carmem. A narrativa fecha com um abraço de acolhimento da jornalista Fernanda Graell, com a locução em *off* de Ana Annenberg que diz “ todo nosso carinho, a essas irmãs aposentadas” o que sugere que as irmãs são pessoas honradas, honestas e trabalhadas, tendo em vista que conseguiram se aposentar.

Podemos explorar o conceito de “Outricidade” desenvolvido por Kilomba, a partir do contexto dessa narrativa. Onde toda a construção do “Outro” se dá através da negação do mal da própria branquitude. Não reconhecendo seus privilégios, e os efeitos devastadores da desigualdade social imposta as classes subalternizadas. Sempre, procurando amenizar os efeitos das desigualdades, no anseio de enfatizar que o branco seria somente constituído do bem, legando todo o mal ao negro. Grada Kilomba, descreve esses mecanismos como partes cindida da psique que são projetadas para fora do eu “*self*”,

Essa cisão evoca o fato que o sujeito branco de alguma forma está dividido de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte “boa” , acolhedora e benevolente - é vista e vivenciada como “eu” e o resto a parte “má”, rejeita e malévola – é projetada sobre o a/o “Outra/o” como algo externo. O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou ladrão violenta/o, a/o bandida/o, o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como meio de escapar dos mesmos. (KILOMBA, 2019, p. 34-37)



Assim, Annenberg conclui o bloco narrativo ressaltando a dificuldade de Maria Benedita reviver memórias tão doloridas, e que tanto Benedita como as irmãs Corrêa fizeram esses depoimentos para que o público tenha consciência do valor que tem o alimento.



**Fonte:** fotogramas extraídos do documentário “Alimentação e combate à fome”

O clímax da narrativa é concluir os relatos doloridos e de memórias tristes da mesma forma que antecedeu as histórias difíceis com uma confraternização para quebrar o clima pesado da narrativa. A narradora Annenberg, diz que não foi nada planejado, e termina com um brinde para quebrar o clima pesado das histórias “A gente termina esse bloco com muito amor na sua casa”.

A partir do seu relato, propomos uma análise baseada nos estudos de Manuela Penafria (2001), que frequentemente aborda a construção narrativa e a utilização de elementos audiovisuais para criar impacto emocional.

O documentário começa apresentando o projeto Favela Orgânica e sua idealizadora, Regina Tchelly. A introdução estabelece o cenário e o propósito do projeto, preparando o espectador para as histórias pessoais que seguirão. As histórias das irmãs Geralda e Selma Corrêa, e de Maria Benedita Brito, são introduzidas após um momento de confraternização, criando um contraste entre a alegria inicial e as narrativas emocionais subsequentes. Os relatos pessoais, especialmente os de Maria Benedita e das irmãs Corrêa, são carregados de emoção, o que criam uma conexão empática com o público. A inclusão de lágrimas e a voz embargada da narradora aumentam o impacto emocional.

A narração em *off* de Annenberg, adiciona uma camada de dramaticidade, enfatizando a seriedade e a profundidade das experiências compartilhadas.

A narrativa contrapõe o ato de roubo de pão com a honestidade e o trabalho árduo da mãe das irmãs, Dona Carmem. Este contraste permite humanizar os personagens e destacar a complexidade de suas situações. A narrativa é finalizada com outro brinde confraternização, quebrando o clima pesado e trazendo uma sensação de alívio e esperança. Este fechamento positivo ajuda a equilibrar as emoções do espectador. A inclusão de fotos de família possibilita resgatar memórias e dar um rosto humano às histórias, tornando-as mais tangíveis e reais para o espectador. O “álbum de família” funciona como um símbolo de continuidade e resistência, mostrando que, apesar das dificuldades, há uma história de luta e superação.

Num segundo movimento de nossas análises, problematizamos a participação da jornalista negra Dulcineia Novaes. Repórter de televisão na RPC, afiliada da Rede Globo no Paraná. Ela faz a introdução do documentário, dando a entender que ela seria a repórter protagonista do documentário para abordar a comida do futuro. Entretanto, ela faz somente a introdução. O encaminhamento da narrativa é passado para a jornalista Fernanda Graell, ambas, são repórteres de Curitiba. Assim, após a breve introdução de Novaes, o documentário mostra as inovações que surge a partir do depoimento de importantes pesquisadores da Universidade Federal do Paraná. Foram entrevistados os pesquisadores Rozimeiry Gaspar — Engenheira Florestal do Depto. Ciências Florestais, Fabiana Dorneles — Doutora em Biologia do Curso Técnico de Alimentos — IFPR e Germano Glufke Reis — Coordenador do Laboratório de Cadeias Alimentares Sustentáveis. Reis comenta o que foi apresentado pela Novaes, as perguntas e as entrevistas são todas conduzidas pela jornalista Fernanda Graell. Dulcineia Novaes passa a ser coadjuvante na reportagem, tendo somente sua voz narrando em *off*. Ressaltamos essa dinâmica adotada, de modo crítico, podemos especular que a decisão de colocar Graell como protagonista, coloca a jornalista Novaes em segundo plano e desautorizada a falar dos avanços tecnológicos na alimentação, temática introduzida pela mesma.



**Fonte:** fotogramas extraídos do documentário “Alimentação e combate à fome”

Por fim, o final do documentário evidenciamos o destaque para a jornalista Dulcineia que passa a ser protagonista de suas histórias de infância num modelo de narrativa que acontece aos domingos no programa do Luciano Huck. No quadro “Visitando o Passado”, onde o convidado resgata suas memórias de infância, de dificuldades, num cenário montado com referências a infância e de dificuldades, proporcionando momentos de emoção e nostalgia. A questão que se apresenta para nossa reflexão é “porque colocar uma jornalista negra de sucesso para resgatar suas memórias de infância num documentário sobre alimentação. Sendo destituída do seu lugar de repórter bem sucedida para ser entrevistada, resgatando suas memórias de dificuldade e de ausência. E complementamos nosso questionamento problematizando “o que essa narrativa contribui verdadeiramente para desconstrução de estereótipos e dizimação do preconceito e discriminação racial?”

A estrutura narrativa do documentário segue uma linha tradicional, onde a introdução é feita por uma figura que se espera ser a protagonista (Dulcineia Novaes), mas que depois é substituída por outra repórter (Fernanda Graell). Essa mudança de protagonismo pode ser vista como uma estratégia narrativa que, intencionalmente ou não, marginaliza a presença de Novaes.



**Fonte:** fotogramas extraídos do documentário “Alimentação e combate à fome”

A escolha de Dulcineia Novaes para a introdução e sua subsequente substituição por Fernanda Graell levanta questões sobre representação e identidade. A teoria de Penafria sugere que a análise deve considerar como os indivíduos são representados e o

---

impacto dessa representação. No caso, a substituição de Novaes pode ser interpretada como uma forma de desautorização de sua voz e experiência, especialmente em um contexto em que ela poderia trazer uma perspectiva única sobre os avanços tecnológicos na alimentação.

Penafria (2001) também enfatiza a importância de entender a função dos personagens na narrativa. Novaes começa como uma figura central, mas sua função é rapidamente reduzida a uma narradora em off, enquanto Graell assume o papel de entrevistadora principal. Podemos especular como uma forma de relegar Novaes a um papel secundário, diminuindo sua autoridade e presença no documentário.

A decisão de destacar as memórias de infância de Novaes no final do documentário, especialmente em um formato que remete a um programa de entretenimento, nos parece como uma tentativa de humanizar e criar empatia. Mas também reforça estereótipos de dificuldades e superação que frequentemente está associado a narrativa sobre pessoas negras.

Finalmente, devemos refletir sobre o impacto dessa narrativa. Ao colocar Novaes em um papel secundário e focar em suas memórias de infância, pode não contribuir significativamente para a desconstrução de estereótipos ou para a diminuição do preconceito racial. Em vez disso, pode perpetuar a ideia de que pessoas negras são mais adequadas para contar histórias de superação pessoal do que para discutir avanços tecnológicos e científicos.

Os resultados deste artigo indicam a perpetuação da racialização e a objetificação de indivíduos negros, sublimando sua agência sujeito. Dessa forma, inviabiliza a sua capacidade de autorrepresentação e de ser autor das suas próprias narrativas. No entanto, os resultados não contribuem para o fim do preconceito e da discriminação racial. Mas contribuem para o entendimento da temática e permite uma análise crítica do problema. Em relação ao conceito de Outricidade — sujeito e objeto —, hooks (2019) e Kilomba (2019) oferecem perspectivas esclarecedoras. Para hooks, o sujeito pode definir sua própria realidade, história e identidade. Já o objeto é definido em relação ao outro, moldado por essa interação. Kilomba (2019), por sua vez, explora o conceito de Outricidade, buscando novas formas de ser e se tornar sujeito.

Identificamos uma forte influência do colonialismo, manifestada através racismo, que afeta mulheres e pessoas negras, fato que ressaltamos devido à intersecção de marcadores sociais de opressão, a raça/cor da pele, o gênero e as condições sociais. Essa

---

discriminação se apresenta cristalizada no imaginário do tecido social. Por exemplo, aventamos que mulheres ganham menos por serem mulheres e negras. Além disso, a cor da pele influencia negativamente a renda, e essa desigualdade é agravada pela intersecção dos marcadores explorados, notadamente, educação e trabalho, tornando-se marcadores importantes para serem considerados nas avenidas de opressão. Infelizmente, isso dificulta o acesso dessa comunidade a alimentos *in-natura* e reduz as chances de uma dieta saudável.

A pesquisa Nós e as Desigualdades 2022, produzida pela Oxfam Brasil em parceria com o Instituto Datafolha, demonstra que a sociedade brasileira tem uma percepção consolidada das desigualdades no país e defende ações prioritárias do Estado para reduzir a distância entre os mais ricos e os mais pobres.

Por fim, sugerimos que outros artigos sejam escritos sobre essa temática, considerando uma abordagem política. Isso permitiria debater questões relativas à democracia e, principalmente, problematizar as subjetividades produzidas a partir de uma racionalidade neoliberal.

A análise de conteúdo do episódio “Alimentação e combate à fome” do Globo Repórter revelou uma abordagem multifacetada sobre os desafios e soluções para a produção de alimentos em um mundo com 8 bilhões de habitantes. Através da utilização de tecnologias avançadas, como a agricultura irrigada israelense e fazendas verticais urbanas, o documentário destacou inovações significativas no setor agrícola. Além disso, a inclusão de iniciativas sociais, como o Projeto ‘Favela Solidária’, e a participação de figuras representativas, como Regina Tchelley e Dulcineia Novaes, enriqueceu a narrativa com perspectivas diversas e relevantes.

A aplicação dos paradigmas dos Estudos do Feminismo Negro, juntamente com as teorias de análise documental e de conteúdo, permitiu uma compreensão aprofundada das produções de sentido e da visualidade das mulheres negras no contexto do documentário. A metodologia adotada, baseada em Bardin (2009, 2016), foi eficaz na sistematização e interpretação das mensagens, proporcionando *insights* valiosos sobre a insegurança alimentar e as desigualdades de raça, cor da pele e gênero.

Os resultados obtidos evidenciam a importância de uma abordagem interdisciplinar e crítica na análise de conteúdos midiáticos, especialmente aqueles que tratam de questões sociais complexas. Através dessa análise, foi possível identificar não apenas as soluções tecnológicas e sociais apresentadas, mas também as narrativas

---

subjacentes que moldam a percepção pública sobre a alimentação e a fome no Brasil e no mundo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos soluções para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas periféricas no acesso aos alimentos *in-natura*, é importante promover o consumo responsável como uma alternativa para uma dieta saudável para a população afrodescendente. Problemas de saúde, como diabetes e hipertensão, são comuns nessa comunidade, e abordar essas questões requer uma compreensão profunda das camadas de opressão que afetam as mulheres negras no Brasil.

A interseccionalidade desempenha um papel crucial nesse contexto. Além de gênero, cor/raça e classe, outras formas de desigualdade também contribuem para a perpetuação do preconceito e da discriminação racial. Para combater a fome no Brasil, é fundamental enfrentarmos o racismo e o patriarcado, garantindo direitos básicos, como acesso a serviços sociais, emprego, renda, moradia digna e uma alimentação adequada e saudável.

Organizações e coletivos liderados por mulheres negras desempenham papel fulcral nesse enfrentamento. Elas distribuem cestas básicas, fortalecem a agricultura familiar e atuam politicamente para garantir os direitos das pessoas em situação de maior vulnerabilidade no país.

A aplicação dos paradigmas dos Estudos do Feminismo Negro, juntamente com as teorias de análise documental e de conteúdo, permitiu uma compreensão aprofundada das produções de sentido e da visualidade das mulheres negras no contexto do documentário.

Concluimos que as mulheres negras tensionam as relações de poder e exercem o direito à autorrepresentação. Ao se alçarem à condição de sujeitos, elas negam a condição de objetos e passam a condição de sujeito. Produzem suas próprias narrativas, resistindo e (re)existindo em locais marcados por ausência e silenciamento.

---

#### 4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70/LDA, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70. 2016.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. 1984, p. 223-244.

HOOKS, B. **Anseios: raça, gênero políticas culturais / bell hooks;** Tradução Jamile Pereira. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano; Tradução Jess Oliveira – 1. Ed. –Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PENAFRIA, M. O ponto de vista no filme documentário. 2001. Disponível em: <http://www.filmes.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Opontodevistadofilmedocumentario.pdf> Acesso em: 25 jun. 2024.  
<http://www.filmes.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Opontodevistadofilmedocumentario.pdf>

REDE PENSSAN. **Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil.** São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2021. Disponível em: <https://luppa.comidadoamanha.org/biblioteca/primeiro-vigisan-inseguranca-alimentar-covid19-brasil-2021/>. Acesso em: 7 out. 2024.

REDE PENSSAN. **Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil.** São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022. Disponível em: <https://luppa.comidadoamanha.org/biblioteca/segundo-vigisan-inseguranca-alimentar-covid9-brasil-2022/>. Acesso em: 7 out. 2024.